



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 29 de Maio de 1982 * Ano XXXIX — N.º 997 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTA da QUINZENA

«Dai todo o vosso ser às sementes do Céu
Que vem juntar-se em vós a todo o sofrimento.
O Corpo do Senhor
É feito das angústias
De quantos neste mundo a injustiça esmaga.
Abri os corações ao sopro do Senhor.»

É um hino ao Espírito Santo, mas retrata bem a imagem do vulto branco que vimos passar por entre as filas das multidões.

Homem de Deus de rosto cansado e nos ombros, o fardo doloroso dos sofrimentos e angústias da Humanidade; aflito com as guerras entre as nações; sequioso pelo desejo da nossa conversão a Deus.

Ele partiu. Ficou-nos a sua imagem branca, sua palavra de vida e a recordação das multidões que o aclamaram. Foi uma presença de Deus no meio de nós, uma mensagem e um convite contínuo ao nosso encontro com o Salvador.

«Nós vimos o Senhor!»

Nós também no seu Vigário — filho dilecto do Seu Coração. Em seus gestos, palavras, no seu todo e, sobretudo, naquele silêncio que nos penetra e eleva — só um horizonte: indicar a cada um o caminho para Deus.

Belo horizonte desta linda Primavera onde, em cada hora, nasce o sol da Esperança!

Em todos os locais, a Fonte da Palavra a manar, abundante, para todos e cada um!

«Quem beber desta Água, não terá mais sede.»

E a Fonte jorrou em mensagens:

Aos sacerdotes e religiosos, aos quais recomendou «a pobreza, o abandono em Deus e o corte de todas as amarras que não permitem fazer-se ao largo».

Aos universitários, desejando «que um autêntico sentido do Homem prevaleça nas mentes e nos corações».

Aos trabalhadores, «gostaria de apertar as vossas mãos que constroem e transformam o mundo». E a pedir-lhes, também, que «em vez de ter cada vez mais» procurassem «ser cada vez mais».

Falou aos Pobres, referindo-se à «situação dos que não têm vez e, por isso, impedidos de terem voz».

Aos desempregados, «desemprego — gerador de situações intoleráveis, no plano pessoal, familiar e social».

Aos jovens fez uma chamada à própria Salvação e a trabalhar na Salvação dos Outros: «a evangelização não se faz sem entusiasmo juvenil». «Acolhei, amados jovens, acolhei uma vez mais o chamamento de Cristo: sede testemunhas d'Ele.»

Finalmente às Famílias, «onde permanece a fonte de esperança do mundo e se decide o futuro do Homem».

Sempre o Homem! A sua

● Escrevemos ainda influenciados pela recente visita do Sucessor de Pedro, figura polifacetada e rica, que a todos terá impressionado e perante a qual, crentes ou não crentes, ninguém, ao ouvir ou ler as Suas palavras, terá deixado de ser interpelado ou posto em confronto no mais íntimo do seu ser.

Queira Deus que, em breve, possamos ter uma colectânea dos discursos, homilias e demais alocações pronunciadas, a preço acessível, que nos permita haurir todo o sumo e toda a riqueza neles contidos, que só assim os frutos poderão surgir, no plano espiritual e na vida concreta dos homens de boa vontade deste País e, quiçá, em outros pontos do Globo. Ao contrário, seria perder um verdadeiro manancial de princípios abordando todas as temáticas, numa linha de actualidade palpante, em ordem à construção duma sociedade mais feliz, isto é, mais pacífica, justa e fraterna ou ainda, se quisermos, mais humana. Se assim não for, terá ficado apenas a espectacularidade das manifestações e uma lembrança, sucessivamente esbatida pelo tempo, duma figura realmente im-

dignidade. O seu caminho para Deus — seu único fim.

Padre Télmo



O Santo Padre falou, também, aos Pobres, referindo-se à «situação dos que não têm vez e, por isso, impedidos de terem voz.»

Aqui, Lisboa!

par e carismática, mas que será muito pouco, senão totalmente estéril do ponto de vista prático. Importa pois reflectir e meditar a mensagem que o Pastor Universal veio trazer à Terra portuguesa, interiorizando-a e tornando-a conseqüente.

Por nós, cristãos-padres, ao vermos e ouvirmos o Santo Padre, sentimos que há muita coisa, diríamos linhas de força, que não nos podem deixar indiferentes. A Boa-Nova, sempre a mesma, tem, contudo, novas formas de apresentação e de contextos, que importam encarar, já que a Salvação tem um sentido dinâmico, aqui e agora, que não pode ser olvidado e que só uma busca constante de identificação com Cristo tornará actual e eficaz. Evangelizarmos a nós mesmos, varrer a poeira e as teias de aranha

que em nós abundam, são imperativos irrecusáveis para quem queira testemunhar Cristo, em espírito de serviço e de entrega.

● Que a Escola não vai bem já aqui o temos dito e repetido. Padre Aclio, no último jornal, pôs o dedo na ferida dizendo, o que aliás já escrevemos também, que, em muitos casos, «em vez de estar ao serviço dos instruendos serve os professores e mais funcionários». Ora, sem menosprezar os legítimos direitos dos mestres e funcionários, a Escola deve estar essencialmente ao serviço dos alunos.

Infelizmente também, grande número de pais e de encarregados de educação não sabem, não podem ou não que-

Cont. na 3.ª pág.

Calvário

Como aluno que é obrigado a fazer uma redacção, assim eu hoje diante duma folha de papel. Pego na caneta, poiso-a sobre a folha aberta e suplico-lhe que deslize em direcção algures. Ela resiste. Não sabe o caminho. Tento conduzi-la, mas também eu próprio não sei bem para onde havemos de seguir. Vamos para a quinta falar da natureza, que rebenta viçosa. Ela não está com disposição. Então desloquemo-nos até ao leito dos doentes para descrever seus rostos marcados, alguns profundamente, pela dor, pelo abandono em que viram na vida. Talvez descortinemos rostos alegres, apesar de tudo. Também não vejo que a caneta tenha gosto por esta vereda... Saímos para a rua, para a cidade, para a serra. Há tantos recantos que nos vão dar material para prosa. Qual quê! A caneta parece conhecer a minha hesitação. Já está tudo dito. Tudo foi já dado a conhecer. E, tal como eu, parece não ter vontade de avançar.

Olha, vamos até ao Marão! O tempo está claro e límpido.

A Primavera convida. Nas encostas da serra o ar é refrescante e a paisagem de cedros altos e pinheiros esguios dá para repousar a espírito. Dizem-me que há ali gente acolhedora. Vamos. A caneta parece gostar do convite. E vai mesmo comigo direita à montanha. O ar frio das alturas deu coragem. O Marão transposto, começa a descida para Vila Real. A cidade diante de nós banha-se ao sol. Parece estar perto, mas as curvas nunca mais findam e leva tempo a chegar a esta capital transmontana. Dá tempo para poisar o olhar sobre as aldeias, os campos e aqueles que nestes mourejam. Na cidade, que cresce e se moderniza, trocando a pedra pelo cimento, o traje de tradição pelo pronto-vestir, autocarros despejam gente que vem aos recados, aos negócios, à sua vida. Um mar de forasteiros.

Não perco tempo e dirijo-me para a aldeia próxima. Há largos meses que trazia na ideia uma deslocação até aqui para

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

CASAMENTO — Todo o homem sonha constituir família, ter a sua casa, a sua vida. Idealiza e procura uma companheira. Preparam-se mutuamente para o casamento.

Agora, foi o Luís António Morais que se uniu pelos laços do Matrimónio à Fátima, em 9 de Maio, na nossa capela.

Presidiu à cerimónia o Padre Carlos — que veio propositadamente de Setúbal. Além de lembrar que o Luís esteve com Padre José Maria em Moçambique e depois foi aceite por ele em Paço de Sousa, referiu a importância da Família e as responsabilidades do novo casal face à Igreja e ao Mundo.

Eles terão compreendido o grande passo que deram, a transformação que terão de sofrer as suas vidas para que, juntos, possam enfrentar os problemas que surjam quotidianamente.

Votos de felicidades para o jovem casal.

DESPORTO — A actividade desportiva desenvolve-se intensamente em quase todas as modalidades!

O Centro Cultural de Cête está a realizar o IV Torneio Primavera,

no qual participamos em ténis de mesa, atletismo, damas e xadrez. Quando houver resultados, daremos notícia.

Agradecemos ao Grupo Desportivo B. N. Antão todo o apreço pelo Grupo Desportivo da Casa do Gaiato. Aquela colectividade enviámos as melhores saudações desportivas.

Vem isto a propósito da seguinte carta:

«O G. D. B. N. Antão vem, por este meio, enviar os parabéns e congratula-se pelo 38.º aniversário da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Vem também participar que se está a organizar um torneio de futebol — que teve início a 13 de Maio — no qual participam as seguintes equipas: G. D. B. N. Antão, G. D. Telenor, G. D. Casa das Lâmpadas e Arsenal de Gaia.

As receitas serão oferecidas ao G. D. da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.»

Gratos pela atenção, desejamos que tudo corra bem no torneio.

No dia 15 de Maio defrontámos o Sporting Clube Barreiro, de Alfena, e perdemos por 6-5. Retribuiremos a visita no dia 22.

AGRO-PECUÁRIA — Que beleza maior do que uma mãe dar à luz o fruto do seu ventre no meio de grande sofrimento?!

Tinha saído do nosso bar, e encontrado o Padre Telmo, quando surge o «Príncipe», aflito, a pedir que fôssemos buscar o veterinário porque nascia um vitelinho. Tudo se dispôs nesse sentido.

Ultimamente têm nascido mais vitelos para aumento da manada e mais trabalho para o «Príncipe».

Há dias, chegou um cabrito, encontrado por uns viajantes, na estrada. Toda a gente o quis ver. Foi uma constante peregrinação à vacaria!

Vale bem a pena voltar a dar notícias do cavalinho que nasceu e é a admiração de toda a gente, particularmente do «Caneco». Leva-o em passeio para todo o lado! Contamos, brevemente, publicar uma gravura destes animais, que nos dão alegria.

Por fim, não posso deixar de referir a geada negra que causou enormes prejuízos na zona norte do País. A nossa quinta sofreu, também, as consequências. Alguns vinhedos e batatais estão de forma que parece terem sido queimados por um incêndio!

«Régua»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É mãe solteira. Reorganiza a vida e, para ela, o filho é um tesouro.

Requer abono de família há mais de um ano. Mas, pela sua condição, sente ainda mais a problemática do jogo do empurra e do impasse nas repartições! A dita Segurança Social vem exigindo a assinatura do paisinho oficial, no requerimento, confirmada pela entidade patronal. E ele foge

à responsabilidade — como é costume. Entretanto, a mulher apresenta o caso à Justiça. O tempo passa. A mesa é posta duas ou três vezes por dia... E ela ocupada, desesperada, neste jogo de repartições!

Porque não enquadra a Segurança Social estes casos específicos imediatamente — pelos serviços competentes — na mesma doutrina do decreto 160/80 que permite o abono de família aos ciganos?!...

O calvário desta mãe — com certeza de muitas outras — não diz bem de um Estado de Direito que desrespeita os Direitos da Criança. Permita Deus que a voz autorizada de João Paulo II não fique perdida nas multidões...!

● Nem todos os Pobres se dão por vencidos, no meio de tantos bloqueios à Justiça Social!

O Auto-construtor que retrocedeu na marcha do crédito para terminar a sua casa — tão inacessível aos Trabalhadores! — reconhece, entretanto, que só pode contar consigo mesmo até à exaustão. Prepara-se para um concurso e, de simples jornaleiro, passa a condutor de máquinas!

— Estou mais aliviado, mais con-

tente...! A casa iria demorar muitos anos, mas agora vou fazê-la em menor tempo...

Acaricia o filho e continua a desabafar:

— Se não olhasse prós filhos..., seria uma casa mais pequenina... Temos d'olhar prò futuro, a pensar nos filhos... É tão grande a falta de casas...!

● As mensagens oportunas do Santo Padre, suplicando Justiça e Caridade entre os Homens, ecoam pela rádio, pela televisão, no estaleiro de outro Auto-construtor. Ele e os familiares modelam ferragem para a laje de tecto. Homens viris. Mãos caalejadas. Não ligam às horas, à chuva, ao vento, embrenhados em religiosa acção que apaixona — mas desconhecida, em todas as suas potencialidades, nos centros de decisão. Aqui está o mal! Se o esforço desumano destes cidadãos, cingidos a inúmeras exigências legais — não são clandestinos — fosse avaliado em toda a sua extensão, muito teríamos que aprender! Ou a dignidade e os direitos da Família são para ficar restritos — como adorno — ao articulado das leis?!

PARTILHA — Hoje não temos muito que partilhar! Cremos, no entanto, que os leitores não esquecerão as bocas que servimos, na medida das possibilidades.

Velha Amiga da Parede, cujos «anos já são muitos», presente com um cheque «para ajuda dos que querem ter a sua casinha e que mais necessitem dela». Foi despachado imediatamente!

Mais 200\$00 de bom Amigo da rua do Progresso (Porto), que não deixa, uma vez por outra, de nos visitar — e revelar sonhos que traz no coração. Outra mão dada, aqui, da rua António Enes, cidade Invicta.

Por fim — que não há mais — assinante 28053 com 250\$00 e um desabafo: «Perdoai-me enviar tão pouco, mas a vida tem aumentado e a reforma continua na mesma — como é o meu caso». É o Óbulo da Viúva! O maior tesouro dos Pobres!

As ofertas deverão ser dirigidas à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — Casa do Gaiato — Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Perspectiva

Único lanço a todo o comprimento rendilhado de persianas parapeitos com frascos de remédios com bonecas e ramelados gatos e minúsculos gatos e minúsculos gatos em vasinhos de plástico que outrora publicitaram frescura e longa vida no iogurte...

Tapete ao sol que efeito surte ao longo da parede! e a cordinha de roupa a pingar prò [passeio! e um periquito em palmo e meio de rede!

E a nocturna batida aos restos de comida de restos novos restos espalhando além do contentor...

Questão de pormenor: do andar onde mora janela fora uma criança chama

— algodão doce ou algodão em rama? ao fundo o sobressalto:

sobre o asfalto um corpo empeilhando o trânsito de [ponta

— urbano acaso que amedronta!

(...ah! sim: num fundo preto a [cruza do giz e tem mais um postal do meu país.)

JANELA ABERTA

■ Era já um homem de meia idade. Solteirão. Muito doente. Pensionista da Segurança Social. De cobres ameaçados no bom tempo — quase nada... — compra terreno para uma casa. Porém, mal tem força para levantar paredes e realizar um velho sonho da sua vida!

Botámos a mão. Há mais de dez anos que a moradia tomou corpo.

Entretanto, com os olhos no futuro, porque doente, sonha também por uma companheira. É natural. Encontra uma, mais jovem do que ele. E consorciaram-se no altar da paróquia onde residem.

A vida rola com mais ou menos sacrifício, mais ou menos doenças. Surgem os filhos e a moradia já não comporta a prole. Angustiado, quer aumentá-la — se dermos apoio. Qualquer obra custa uma fortuna!...

De facto, no reino dos Pobres, surgem, aqui e ali, rasgos de loucura, actos de heroísmo motivados pelo cristianíssimo desejo de promoção social. Quem não sentiria este impulso tão humano, no meio da promiscuidade?!

No entanto, os homens responsáveis, as estruturas, as comunidades, a sociedade não estão preparados para a so-

lução eficaz deste problema fundamental da Família — dos Pobres...! Vive-se uma inércia confrangedora, face à desmedida carência de habitações condignas!

■ Não há muito tempo, em reunião formal, clínicos especializados em pneumotisiologia afirmaram que «Portugal está na cauda da Europa na estatística da tuberculose, apesar das verbas despendidas para a luta contra a doença». Mais: há «um problema de conjuntura com a desmobilização de camas, pois passámos de cerca de três mil para quinhentas, a norte do Mondego, não se verificando melhoria compensadora no tratamento ambulatório».

O número actual de tuberculosos no nosso País — segundo as estatísticas — é idêntico ao de 1974/75 e a «doença incide, principalmente, nos grupos etários mais elevados, devido à diminuição da capacidade física, nuns casos, e de recidiva, noutros».

Paralelamente — afirma-se, também — «o BCG tem abrandado a sua actuação»; concluindo os especialistas que «a luta antituberculosa deve ser feita de acordo com as condições económicas, sociais e de educação de cada país».

Na verdade, sanatórios que deram saúde e vida a tantos doentes — custaram vultosos capitais — estão, hoje, abandonados... E não se verifica «melhoria compensadora no tratamento ambulatório» — qual miragem que se desvanece. Quântos Pobres podem comprar bifés!...

■ «Dois terços da população mundial está encerrada num círculo vicioso de pobreza e de sangria dos seus recursos» — lemos na grande Imprensa.

Em documento preparado para a reunião de Nairobi — no mês corrente — o responsável número um da PNUA/UNEP (Programa das Nações Unidas para o Ambiente) sublinha que «um terço da terra arável no Globo está sob a ameaça de se transformar ou de se degradar por outras formas».

«Precisamos de mais alimentos, mais empregos, mais terra, mais água potável, mais matérias-primas. As nações, os governos, a indústria e o público em geral devem preocupar-se, porque o ritmo da destruição ecológica, o desperdício de recursos, está a colo-



AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

rem interessar-se ou acompanhar os estudos dos seus filhos ou educandos. E sem uma ligação Escola-Pais ou encarregados de educação, apertada e eficiente, todo o processo educativo falhará ou apresentará lacunas gravosas. O contacto que temos realizado com diversos estabelecimentos de Ensino assim o demonstra.

Lamentavelmente, muitos directores de turma, já em épocas avançadas dos períodos escolares, não dispõem de informações de alguns dos seus colegas, apesar de, como já ouvimos dizer, serem constantemente solicitados a prestá-las. E, diga-se de passagem, que os faltosos são, não raro, senhores ditos progressistas. Ora, tal procedimento, além de iníquo é um atentado ao direito que os alunos ou alguém por eles têm de conhecer as informações em causa.

Um grave problema que se põe nas Escolas é o que resulta de, em muitos casos, os estudantes se verem a braços com sérias dificuldades pelo facto de não terem dado matérias em anos anteriores, por falta de professores, doentes durante muito tempo ou inexistentes, e nos seguintes, nas mesmas Escolas, lhe serem ministrados programas supondo os anteriores conhecimentos como dados. As consequências estão à vista e pensamos que, pelo menos nas mesmas Escolas, isso se deveria

ter em conta. Não se podem fazer operações sem conhecer os números, assim como não se poderá ler sem se saber o abecedário. Não será assim?

Um outro aspecto que desejaríamos referir, aliás em conexão com o anterior, seria o da vantagem dos mestres acompanharem até ao fim, dentro de cada disciplina, as mesmas turmas. O relacionamento entre professores e alunos seria mais eficaz e tornaria mais fácil a instrução, dado o conhecimento mútuo preexistente e o saber-se dos programas dados anteriormente. Esta preocupação não parece comum.

Finalmente, por hoje, importaria anotar as graves consequências para os alunos da dificuldade em encontrar substitutos para os professores doentes ou com licença de parto, que passam meses sem sucessores. Esperemos que, ao nível do M. E. U. e dos Conselhos Directivos, se procurem ajustadas respostas.

● Porque nos pedem, aqui ficam registados, mais uma vez, os locais onde poderão ser entregues quaisquer donativos ou embrulhos, à Obra, e a esta Casa do Gaiato, em particular. Assim: Lar do Gaiato — R. Ricardo Espírito Santo, n.º 8 r/c — tel. 666333; Franco Gravador, R. da Vitória, 40; Maison Louvre, Rossio, 106, Secretaria Geral do Montepio Geral, R. do Carmo, 62.

Padre Luiz

Outra vez o «Agora». Quem não aparece, esquece. E nós queremos que a procissão cresça e se faça luz e esperança pelo amor. Que força grandiosa a do amor! Ele vai alimentando, dia a dia, o mealheiro do Património! E sustenta o ânimo dos que têm coragem de construir a sua casinha. É um exército de heróis ajudado por um de santos.

Tira o chapéu. Entra devagar. Dispõe o teu coração. A cruz está alçada. É santo este lugar. E abençoada pelo Senhor esta caminhada.

Vamos:

Os Funcionários da C. Textil, aos quais nem a neve ou o calor impedem a presença mensal. Logo, M. S. com «uma migalhinha do aumento de 81 e Deus me ajude a não os esquecer e poder continuar». A seguir, de M. M., «mais uma pequena contribuição para a Casa da Paz. Creio que fica agora em 22.000\$00. Não desanimo e espero em Deus poder continuar com migalhinhas até fazer pão». Deus ajudará. De São Gião mil «para os carenciados de habitação». E segue uma Leitora de O GAIATO com «10.000\$00 para ajudar na Auto-construção uma família mais necessitada». Vem o assinante 19735 com mil «para o nosso Património dos Pobres». E outros mil de anónima de Fiães «para compra de algumas telhas». Da Figueira: «Que o Senhor desperte a consciência de muitos que poderiam ajudar tantos irmãos necessitados e que o não fazem só pensando nas suas pessoas», um vale de 500\$00. Vem agora uma nossa amiga

A G O R A

do Porto: «Por este correio segue um cheque de cinquenta mil escudos destinados a ajudar aqueles que não têm casa. É um nada mas, querendo Deus, nós conhecemos o caminho para aí e iremos aparecendo». Nós a esperamos neste caminho de luz. Passa a assinante 22344: «Junto está quantia — mas com todo o amor». Deus vê o Amor. Vem a M. L. S. de Bragança (longa caminhada): «Faço entrega de 16.000\$00 para os telhados dos mais necessitados. Já foi colocada oferta no altar de Jesus Sacramento. Que Ele a aceite com agrado». Aceita e abençoa. De Graciete Batalha, de Macau (mais longe ainda), seis mil: «gostaria que fosse

posto no Património dos Pobres. Faço-o, como de costume, pelos anos de meu marido para que Deus o guarde». O Fernando, de Algés, 300\$ para a telha. De Lúcia, 100\$ para a Auto-construção. E para terminarmos a nossa procissão, vem Moscavide com cinco mil e «tenho imensa pena de todos os que não têm uma casinha, com o mínimo de condições. Junto esta gota que com outras gotas poderão contribuir para minimizar este tão grave problema. Que Deus nos ajude e abençoe». E a si também D. Gertrudes.

E a todos nós o Senhor dê paz.

Padre Telmo

Do que nós necessitamos

Ass. 13693, 5.000\$. Mais um cheque de 10.000\$. 500\$ de Ermesinde e 1.150\$, «migalhinhas» caídas na Sagrada Família.

500\$ de Leiria, de quem nos conheceu em Lourenço Marques. 3.000\$ do Fundão; 2.000\$ de Vila do Conde; 500\$ de Braga; 2.500\$ de Belazaima; 300\$ de S. Pedro do Sul; 200\$ de Monte Estoril. Mais 27,90 dólares de Caracas — Venezuela; 100\$ de Oeiras; 1.000\$ de Oliveira do Douro; 500\$ de Espinho. Migalhinhas do Bairro de S. Vicente de Paulo somaram 2.660\$. Com o abraço de sempre, 5.000\$ da Rua Carlos Dubini. E 1.000\$ de Polónio Basto & C. Lda, comemorando o 59.º aniversário da firma e sufragando a alma do seu sócio fundador. A visita anual dos Bairristas do Palácio e 3.170\$. E tudo que é entregue no Espelho da Moda ou à porta do Lar do Porto.

Amadora, a presença mensal em selos de correio. 1.000\$ por alma de Rogério. Maria Clara, 3.000\$. L. M., 1.000\$. Dum aumento de ordenado, 4.000\$. Maria Rosa, 200\$. E 300\$ de Espinho. Mais 5.000\$ por uma graça recebida, da R. Martim Moniz. 1.000\$ de Assunção. 200\$ de Cavadinho. 500\$ de Pevidém. 1.000\$ de Gouveia. Em cumprimento dum promessa, 500\$ de Leiria. 300\$ de Chamusca. 2.000\$ e 1.000\$ de Aveiro. Mais 3.600\$ de Paço de Arcos. Caixas com blusões e puloveres, de João Dias Costa, Lda. 1.500\$ da Póvoa de Varzim. Anónimo de Águeda com 3.000\$. Vilar de Maçada, 150\$. Valbom, 1.500\$ dum promessa. 100\$ de Espinho. 500\$ de M. L. R. E 6.800\$ com muito carinho das costu-

reiras do Hospital Santo António.

Dois sacos de castanhas, de Vicentinas de Carrzedo de Montenegro. 2.000\$ da Póvoa de Varzim. 1.000\$ de Aveiro. 5.000\$ de Rates. 2.000\$ de Portalegre, de quem aparece mensalmente. 500\$ de Gondomar. Roupas, calçado, medicamentos e 600\$ de Chamusca. 500\$ de Teixoso. Ass. 13306, 1.000\$. Cheque de 10.000\$ e um abraço, de Amigos da primeira hora. 5.000\$ de Guimarães. 500\$ de Espinho. Mais 2.000\$ por alma de Maria Esperança Mamede. 500\$ da ass. 29044. M. Amélia, 1.000\$. Bombarral, 2.000\$. Cheque de Aveiro. 250\$ de Gondomar. Encomendas com roupa de linho, de algures. E vale de 10 contos que amiudadas vezes nos chega de família amiga, da Maia.

Dentro dum lindo cartão, 1.000\$ de Torres Novas. 6.000\$ do Fundão. Cheque de 3.000\$, de Gaia. 500\$ da Praia da Granja. Fanzeres, 5.000\$ e 300\$. Ass. 31213, 2.200\$. Mais 500\$ de Ovar. 1.000\$ de Fafe. 500\$ do ass. 2306. De Barcelos, 1.000\$ de Albina Falcão. 700\$ de Angelina. E 3.000\$ do ass. 4425. Dez contos da Rua D. Cristóvão da Gama. 500\$ dos Carvalhos. 2.000\$ de Braga. Ass. 20655, 3.000\$. Molelos — Tondela, cheque de 15.500\$. E 1.000\$ de Borralha. 5.200\$ de Cascais. Do Porto, quantias que somam 10.300\$. Mais um cheque de 3.192\$, produto da venda de cartões alusivos ao Natal, de alunos da Escola do Magistério Primário de Castelo Branco.

1.250\$ e roupas de S. João da Madeira. Agora uma informação para os nossos amigos: a estação dos caminhos de ferro que serve a Casa do Gaiato de Paço de Sousa é CÊTE — Dourado. Por favor, não mandem encomendas para Paços de Ferreira, Paço de Arcos, Braga, etc. como já tem acontecido.

Obrigado.

Padre Abel

Manuel Pinto

Reflectindo

Ainda há pouco tempo celebrámos o mistério Pascal; revivemos os passos fundamentais da história da Salvação, tornando presente toda a força com que Cristo manifestou aos homens o Seu Amor por eles. A Sua mensagem tem sido espalhada através dos séculos, a Sua presença viva mantém-se operante, assim a nossa fé seja forte para sentir e receber.

car uma grave ameaça à paz e à segurança mundiais.»

Acrescenta, ainda o director executivo da UNEP:

«Dois terços da população mundial estão encerrados num ciclo vicioso de pobreza e de sangria de recursos. Têm sido apresentadas à Humanidade uma série de estratégias para quebrar esse ciclo; no entanto, na sua maior parte, tais estratégias continuam no papel, porque não tem havido meios para as concretizar.»

E tanta fome campeia pelo mundo fora...!

Júlio Mendes

Cristo ao fundar a Igreja quis nela perpetuar a Sua presença. Deu-lhe por missão anunciar a Boa Nova a todas as gentes. Levaram Esperança a todos os corações. A Igreja, porque constituída por homens, não deixa de ser marcada pela fraqueza humana, por isso também sujeita às contradições dessa mesma fraqueza... Mas nem por isso devemos deixar de ver nela a presença d'Aqulele que é a verdadeira fonte do Amor e da Vida.

Cristo ao fundar a Igreja deu-lhe um chefe, o Apóstolo que não deixou de O negar três vezes, mas que após o mal feito, chorou e pediu perdão. O chefe escolhido por Cristo também tinha as suas falhas, nem por isso deixou de ser considerado apto. Começa então a Igreja, um núcleo pequeno, animado da Força de Deus, que por essa Força aumenta, cresce, se mantém até hoje... e se manterá até ao fim dos tempos.

Esteve no nosso País o actual Sucessor de Pedro, recebido entre nós, em clima de alegria e festa. A presença de tantos irmãos nossos em todos os lu-

gares por onde passou, foi garantia de que não está morta a fé, apesar de todo o materialismo de que é acusado o nosso tempo. Cristo não passou em vão e o Seu Reino, que não é deste mundo, não deixa de se desenhar, aqui e ali, ante os nossos olhos... Assim esteja o nosso coração aberto aos sinais que o visitam.

O mundo dos homens está cheio de dores e sofrimentos, e estamos longe de viver plenamente o Mandamento do Amor que o Evangelho apregoa em todos os tons. A fraqueza humana está brilhantemente representada, nos seus aspectos mais negativos, quando ouvimos os noticiários do que vai pelo mundo... E não é preciso olharmos pelo mundo além para vermos os efeitos do mal... Com os olhos abertos, se olharmos à nossa volta, veremos o suficiente para não duvidarmos da necessidade de conversão. Apesar disso, no entanto, não nos devemos quedar numa visão pessimista, antes aumentar a nossa fé no poder imenso do Amor de Deus, antes pedir-Lhe, humildemente,

em cada dia, para que nos ajude a sermos fiéis à Fé que Ele colocou no nosso coração.

O NOSSO JORNAL

No tempo pascal, no Ofício Divino, lê-se o Livro do Apocalipse. Há dias foi o capítulo terceiro, cujos versículos 15 e 16 rezam assim: «Conheço as tuas obras e sei que não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Mas como és morno e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da Minha boca.»

Lembrei-me então de um postal recebido há um ano e meio, portador de séria amizade e demonstrativo da apaixonada atenção com que o nosso jornal é lido... e criticado. Ei-lo:

«Venho mui respeitosa-mente junto de V. por este meio, apenas para lhe pedir um favor: nunca mais empregue no que escrever no excepcional «Famoso» a expressão: «Deus vomita»; ou ainda esta outra: «que provoca o vômito de Deus».

A primeira foi no jornal de 31/3/1973 sob a epígrafe «Doutrina» e a 2.ª no de 13 do corrente, sob a epígrafe «Natal».

Para condenar certas atitudes, porque não dizer: Deus não perdoa? Sim, porque se Deus detesta, não perdoa mesmo.

Pai Américo nunca falou assim, e V. porque se lembrou de tão nojentas expressões?

Senhor Padre Carlos, des-

culpe o reparo, mas realmente gostava de não voltar a ler tão nojentas expressões nos seus muito apreciados artigos.

Espero que me perdoe, se achar que fizemos mal, confiar-lhe nossos pensamentos.

Desejamos que V. e seus colaboradores e todos que fazem parte dessa admirável Obra tenham passado um Santo Natal e tenham um 1981 com as maiores felicidades espirituais e temporais.

Maria e Joaquim»

De enternecido que fiquei ao receber este desabafo, guardei-o no desejo de esclarecer a Maria e o Joaquim, de quem não sei mais nome nem morada; e o tempo foi correndo...

Espantosamente para a minha desarrumadite, não perdi a mensagem. Pois aqui vai a resposta na certeza de que, a Leitores deste quilate, ela não vai passar despercebida.

Como vedes, a expressão não é minha; e frequentemente os Livros Sagrados usam palavras fortes. Estas eram dirigidas à Igreja que está em Laodiceia, comunidade «tipo dos que, pela sua abundância material, julgam bastar-se a si mesmos e espiritualmente se entibiam». Assim justifica a dureza do verbo a nota no pé da página da edição bíblica que transcrevo.

Não me lembro já, nem tenho à mão o contexto em que inclui a frase «chocante» nos escritos de 1973 e 1980; mas, certamente, me referia a qualquer Laodiceia do nosso tempo e da nossa terra, que sempre e por todo o lado as há.

Porém, o que eu quero sublinhar com esta notícia é o amor que nos têm e ao nosso «Famoso» a Maria e o Joaquim. Não são únicos, mas são notáveis. Eu sei de um altipatente do nosso Exército que guarda a colecção completa de O GAIATO de forma facilmente manuseável, com seus apontamentos, seus índices. É uma leitura feita com inteligência e conservada no coração — Leitores com todas as potências da alma. Quem merece tal distinção?!

Por isso, com veemência que compense a demora deste registo e do agradecimento devido, eu beijo as mãos de Maria e de Joaquim e de todos os Leitores da mesma estirpe.

★

Quando ando por aí na pregação de O GAIATO, consumo-me os nossos assinantes com perguntas sobre o pagamento e a forma de pagamento do jornal. Muitos querem saldar logo o primeiro ano da sua assinatura. Eu resisto com o dito popular de «quem paga adiantado, fica mal servido» e não recebo; até porque, naquelas horas de aperto à saída das Missas, não há tempo nem condições para contas.

De resto, já na homilia e no desejo de sublinhar a eminente liberdade de cada um no acto de inscrever-se, esclareço

que o preço essencial do «Famoso» é o compromisso de o ler. E peço encarecidamente que ninguém, incapaz ou não, disposto a este compromisso, dê o nome sob o piedoso pretexto de ajudar a Obra.

O GAIATO é portador de uma mensagem de Salvação; é um acto espiritual que o Espírito Santo inspirou a Pai Américo, fez arrancar mercê do seu singular talento de escrever e mantém, agora com um sopro necessariamente mais forte em razão da menor validade dos instrumentos de que dispõe. Mas antes e mais visivelmente agora, é certo que foi Deus quem quis O GAIATO e o quer. Por isso, seria profanar assiná-lo por esmola e jogá-lo sem mais ao cesto dos papéis.

PARTILHANDO

● Fui dar uma volta pela nossa quinta. Tinha chovido de noite e tudo era verdade. Vejo o Serafim a olhar os campos da batata e os pomares à espera que as folhas molhadas secassem para as sulfatar. Os homens do campo não tinham vindo. Um foi para o médico, outro ainda a reconstruir a sua casinha — com a nossa ajuda. Pede-me para subir para o tractor, enquanto ele segura a mangueira e o nosso Joaquim vai cobrindo o batatal com o líquido contra o mildio. É a nossa «reforma agrária»! Todos a vamos fazendo. Quando é necessário, ninguém escapa... Nem eu!

● E que dizer, agora, da pecuária? Meu Deus! o Júlio telefona a dizer que tinha acabado de receber, no seu escritório da tipografia, a visita do nosso cabritinho. — «Isto aqui parece o fim do mundo!» — desabafa um rapaz de novo, vindo de Évora. E com toda a razão! Mas o cabrito tem uma explicação. Perdeu a mãe lá nos montes acima do Marão. Uns senhores do Porto encontraram-no e vieram trazê-lo aqui. Aceitámo-lo. Um dos rapazes apontou-o logo como um cabrito gaiato. O «Lourinho» tem feito de mãe. Dá-lhe o biberão e ri-se contente ao vê-lo mamar e abanar o rabito num vai-vem feliz. Pois tudo bem. Isto é bonito! É o princípio... Agora, aquele «fim do mundo», como havemos de acabar com ele? Se, ao que me pareceu, a visita do pequenino animal cativou aquele mundo das letras e das máquinas tipográficas! Não se pode, não!

Ontem, como hoje, a mesma vida e a mesma graça...

● Chegou-me aos ouvidos que o «Príncipe» anda triste com os seus trabalhos na vacaria! Não gosta de ver as maternidades cheias dos pequeninos animais. Dão-lhe mui-

É verdade que o nosso jornal, por ser ponto de encontro entre os que fazem a Obra, de dentro, e a multidão incontável dos seus obreiros de fora, provoca uma enorme movimentação de valores postos ao serviço das nossas Casas e de tantos Irmãos carecidos que passam na nossa vida. Mas nunca a nossa intenção primária foi, nem é, que ele seja fonte de receita.

Esta foi a vontade de Pai Américo, consignada no N.º 76 das nossas Normas de Vida: «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um». Esta é a nossa doutrina.

Quando, pois, teimam em saber uma quantia que supra os gastos materiais da edição do jornal, limito-me a dizer: «Olhe, o preço de capa é cinco escudos. Faça as contas e mande o que quiser».

A verdade é que, na venda avulsa, os compradores estão

dando, em média, quase o dobro. E os assinantes, geralmente, não lhes ficam atrás.

Portanto, para nós, as contas estão sempre certas desde que sintamos que, através do jornal, a Vida circula entre todos os Leitores. Caloteiro é aquele que causa embolia nesta circulação; e esse é o que não lê ou não aceita a revolução interior que a leitura lhe propõe.

Como nos compensam (Nenhum dinheiro produziria semelhante compensação!) Leitores reflectidos e dialogantes como a Maria e o Joaquim que, em 29 de Dezembro de 1980, protestam amorosamente expressões que nesse mesmo mês e sete anos antes, lhes desagradaram! Estes, sim, os grandes pagadores! Por eles, por muitos como eles, vale a pena sofrer as «dores de parto» que nos custa cada edição do jornal, tal a alegria de tanta vida nova que é dada à luz do mundo.

Padre Carlos

Calvário

Cont. da 1.ª pág.

ver com os meus olhos o que as cartas descreviam. E são muitas as que guardo. Um problema, porventura de encefalite, cortou a vida mental duma jovem. Esta fez a escolaridade primária. Mas aos doze anos tornou-se esquizofrénica. Hoje fecha-se sobre si própria e não mais é a pessoa que foi. Não sabe quem é, nem conhece os que a rodeiam. Perdeu a noção do tempo e do espaço. Tão frágeis somos! Num momento a curva da vida fecha-se e roda sobre si mesma. Uma criança pujante de vida e de esperança torna-se um ser totalmente dependente. Se os pais existissem, eram eles o amparo. Mas faleceram ambos.

O pároco dá-me conta da sua aflicção para que lha resolva. Resolver aqui é dar a mão, o abrigo e os demais cuidados a quem de tudo carece. A Medicina demitiu-se. Fez o que lhe competia. É pois necessário que alguém faça o resto para que a Berta continue a viver.

A caneta pára. Bem tento empurrá-la. Mas este destino sem solução não tem mais caminhos a percorrer. Só a Fé que o Senhor nos vai dando sugere a única via nestas circunstâncias — o Amor.

Padre Baptista

to trabalho! É preciso limpá-los, dar-lhes o leitinho... Só não têm fraldas nem inteligência! E o «Príncipe» não tem a vocação do «Lourinho»... Antes tivesse!... Que o seu lindo apelido seria então mais principesco! E as suas mazelas mais depressa acabariam. Pois anda triste com os seus trabalhos!... É que o trabalho de príncipe é na corte... E o nosso «Príncipe» trabalha nas cortes dos animais! Digam lá o que disserem, mas alguma coisa não está bem... Ou o nome ou o trabalho! Ou o seu ser...

● Peço desculpa de falar e falar tanto dos animais. Deles por causa do Homem! Exercem uma acção psicológica tão saudável na vida dos nossos rapazes que nos faz falar deles. Há um dar e um receber mútuo tão visíveis! O leite da manhã, a carne e os ovos do almoço e do jantar são-nos dados em troca da erva e da farinha, feitos com o nosso trabalho. Isto é que é um comércio bonito! É necessário dar para receber. E se isto se dá em relação aos ani-

mais, muito mais em relação aos Homens!

Por isso, os animais por causa dos Homens!

● O Ludgero trouxe ontem um recado que uma senhora lhe deu. Era o seguinte: Um vendedor do nosso jornal ter-lhe-ia dito que se não vendesse os jornais todos levaria uma sova! Ora, falei imediatamente ao grupo dos vendedores que o rapaz que assim mente nos coloca mal a todos. Ouvi logo da boca de alguns o nome do possível autor: — «Foi o «Laranja». Foi ele». Várias vezes a dizer o mesmo. Não adiantei conversa, nem perguntei porquê aquele nome e não outro? Fiquei apenas a pensar comigo: eles conhecem-se tão bem uns aos outros!... Que grandes psicólogos! Parecia mesmo coisas dele...

— Se souber quem foi, então sim, leva mesmo um castigo — disse eu a terminar. Leva, sim senhor! Como prémio de mentir assim...

Padre Moura

FESTAS

JUNHO

Dia 4, às 21,30 h — Cine-Teatro Império — LOUSA

» 5, às 21,30 h — Teatro de ANADIA

» 12, às 21,30 h — Cine-Teatro Messias — MEALHADA



Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa